

São Miguel do Cajuru

JOSÉ ANTÔNIO DE ÁVILA SACRAMENTO*

Arcângelo é a atual denominação do primitivo Arraial de São Miguel do Cajuru, encravado no leito do antigo Caminho ou Estrada Real; lá, nas abóbadas da Igreja local, encontra-se riquíssimo acervo de pintura ilusionista sacra, de impressionante beleza, cuja autoria é atribuída ao pintor Joaquim José da Natividade, no melhor estilo do Mestre Ataíde. O templo foi tombado a nível municipal, ano passado, através de ação do egrégio Conselho Municipal de Proteção do Patrimônio Cultural, na gestão do prefeito Fernando Vera Cruz. Aquelas pinturas agora, felizmente, estão sendo restauradas.

Penso, porém, que ainda resta muita coisa a ser feita e, no momento, para prosseguir, faz-se necessária uma séria revisão do atual topônimo daquele distrito, respeitando a outra denominação bicentenária, histórico-religiosa e cultural daquela Vila, de antes de 1722. Além das justificativas aqui apresentadas é mister notar que a maioria daquele povo, atualmente, ainda se considera natural do “Cajuru” e não

de Arcângelo; não se conformaram e nem assimilaram bem a troca do topônimo, determinada em 1943. “Sou do *Cajuru*” ou “nasce-mos e fomos criados debaixo das asas de São *Miguel*”, dizem.

Cajuru é palavra de origem Tupi (*caá*: mata e *yuru*: boca), ou seja, é a entrada da mata ou do sertão, alturas em que, das matas do sul, passando pelo Rio das Mortes ou seus afluentes, como o Rio do Peixe, se atingiam os campos limpos, restando fechada, portanto, “a boca-do-mato, o *Cajuru*”.

Ocorre ainda um aspecto que, para o católico, é o mais relevante: consiste no completo desprezo à doutrina bíblica sobre os anjos. Para encurtar a demonstração de valor cultural-religioso do topônimo antes referido, note-se que *Mikâ'el* é, segundo a angelologia, um dos grandes arcanjos, saudado como o *Príncipe da Milícia Celeste*, dotado de missão superior às Ordens, Potestades e Legiões. O nome São Miguel (*Quis Sicut Deus = Quem como*

Deus!) é, pois, um valor religioso sumíssimo, por sua ação colocado acima de outros arcanjos, guias mas, infelizmente, neste caso, não atuou sobre o nosso mundo físico, permitindo (*por enquanto?!*) essa delineada agressão, de infeliz memória *Getuliana*, ao topônimo tradicional da localidade.

O nome São Miguel origina-se da devoção dos antigos moradores da *Fazenda do Engenho de São Miguel*, que encontrava-se situada nos brejos bem próximos ao arraial bandeirante e abrigou ao rixento Pe. Manoel Cabral Camelo (Vigário da Vara, dos Feitos Eclesiásticos da Comarca) em 1719 e que, certamente, deu origem àquela Vila e ao seu topônimo (vide Efemérides de São João d'El-Rey, do ilustre historiador/genealogista Sebastião de Oliveira Cintra).

Está na hora de resgatarmos a grafia *São Miguel do Cajuru*, não sumariamente Arcângelo. Sim, que arcângelo e por quê? É um empobrecimento, uma covardia jamais *cajuruense* o curvar-se à impostura de ateus e miseráveis materialistas, que nos agrediram e humilharam com a troca do topônimo.

A própria Constituição Federal fala-nos sobre a competência dos municípios de “proteger bens de valor histórico e cultural” e, sendo assim, a exigência da *Charta Magna*, deve-se constituir em dever público, próprio da ação municipal - decretos e leis - e é imperativa.

Trata-se de princípio legal e grafia correta da linguagem, a que todos bons cidadãos devem obedecer, respeitando a antiga denominação, que acha-se protegida, também, pela Convenção Ortográfica Luso-Brasileira, que isenta de simplificação “os topônimos de tradição histórica secular...”

O autor, *cajuruense*, recebe de coração aberto as manifestações à esta proposição que, uma vez apresentadas, mostrarão o verdadeiro valor cultural da denominação SÃO MIGUEL DO CAJURU, riscada do nosso mapa numa agressão à nossa memória e aos nossos valores religiosos, históricos e lingüísticos.

**Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de São João d'El-Rey.*

“Agressão aos valores religiosos, históricos e lingüísticos”

Jornal Gazeta de São João del-Rei

(São João del-Rei - MG, edição de 25 de março de 2000, pág. 4)